

XXVII Congreso de la Asociación Latinoamericana de Sociología. VIII Jornadas de Sociología de la Universidad de Buenos Aires. Asociación Latinoamericana de Sociología, Buenos Aires, 2009.

## **GÊNERO E VIOLÊNCIA. FORMAS DE HOMICÍDIOS ENTRE HOMENS E MULHERES EM RIO CLARO NOS ANOS 80.**

Wagner Volpe y Alice Itani.

Cita:

Wagner Volpe y Alice Itani (2009). *GÊNERO E VIOLÊNCIA. FORMAS DE HOMICÍDIOS ENTRE HOMENS E MULHERES EM RIO CLARO NOS ANOS 80. XXVII Congreso de la Asociación Latinoamericana de Sociología. VIII Jornadas de Sociología de la Universidad de Buenos Aires. Asociación Latinoamericana de Sociología, Buenos Aires.*

Dirección estable: <https://www.aacademica.org/000-062/915>

*Acta Académica es un proyecto académico sin fines de lucro enmarcado en la iniciativa de acceso abierto. Acta Académica fue creado para facilitar a investigadores de todo el mundo el compartir su producción académica. Para crear un perfil gratuitamente o acceder a otros trabajos visite: <https://www.aacademica.org>.*

CONGRESO DE LA ASSOCIATION LATINOAMERICANA DE SOCIOLOGIA

Buenos Aires, ALAS 2009

GT 11 - gt11.alas2009@googlemail.com

GÊNERO E VIOLÊNCIA. FORMAS DE HOMICÍDIOS ENTRE HOMENS E MULHERES  
EM RIO CLARO NOS ANOS 80

Wagner Volpe - Faculdade Santa Marcelina

Alice Itani - Unesp-Senac

Resumo

As diferenças de violência entre homens e mulheres já é realidade. No entanto, as formas como elas se manifestam nos espaços podem mostrar aspectos interessantes que podem contribuir para políticas públicas. Em cidades médias, elas podem apresentar pontos que se diferenciam no espaço urbano. Trata o *paper* de mostrar aspectos diferenciados de homicídios entre homens e mulheres. Os dados sobre aspectos de homicídios já foram objeto de análise. Baseia-se em dados de estudo realizado em Rio Claro nos anos 80. Os dados foram obtidos junto ao Cartório de Registro Civil e a partir dos processos criminais do período entre 1980 e 1991 do Fórum de Rio Claro. Os dados mostram que entre os homens, as vítimas masculinas são predominantemente solteiras, de cor branca, nascidas na própria cidade, atuando como profissionais dos serviços. E os homicídios ocorrem principalmente na rua e ocorrem predominantemente entre pessoas conhecidas, vizinhos ou moradores no mesmo bairro. Além disso, diferente do que é pressuposto, os dados mostram que os homicídios não estão entre os migrantes provenientes de regiões mais pobres como é normalmente conhecido. E, ainda, não há predominância de vítimas sobre regiões periféricas da cidade ou vivendo em condições mais precárias. Elas estão em várias regiões da cidade. Os dados mostram também que as mortes por homicídios entre homens ocorrem por instrumento cortante e em segundo lugar por arma de fogo na primeira metade da década. Já na segunda metade da década, a razão se inverte.

## GÊNERO E VIOLÊNCIA. FORMAS DE HOMICÍDIOS ENTRE HOMENS E MULHERES EM RIO CLARO NOS ANOS 80

Wagner Volpe - Faculdade Santa Marcelina

Alice Itani - Unesp-Senac

### INTRODUÇÃO

A violência faz parte do debate em saúde. E a preocupação com as mortes violentas decorrentes de homicídios se justifica na medida em que há altos níveis. Esse aumento da morbimortalidade no Brasil se apresentava desde os anos 1970, como um sério problema de saúde (Mello Jorge, 1980; Souza, 1994). Essa violência era composta, nos anos 1970 e 1980, por mortes no trânsito e homicídios (Mello Jorge, 1980; Mello Jorge et al. 1997; Souza & Minayo, 1994). E, por isso, os homicídios foram considerados, nos anos 1980 como os responsáveis pelo impacto da violência na mortalidade da população brasileira (Souza, 1994).

Na década de 1990, houve um crescimento ainda maior. O número de homicídios cresceu 48,4%, passando de 32.603 para 48.374, superior ao crescimento da população, de 16,5% no período 1994-2004, conforme estudo de Waiselfisz (2007), passando para o primeiro lugar dentre as mortes por causas externas (Mello Jorge et al. 1997). Essa violência pode ser melhor compreendida espacialmente, sendo mais marcante em algumas regiões do país. Essa taxa chegou a 50 homicídios para cada 100 mil habitantes, como o caso do Pernambuco, Espírito Santo, Rio de Janeiro. Isso colocou o Brasil dentre os países com maiores taxas de homicídios, com uma taxa total de 27 homicídios para cada 100 mil habitantes (Waiselfisz, 2007).

Essa inquietação aumenta também na medida em que essa mortalidade por homicídios atinge fortemente a população jovem. As vítimas de homicídios são jovens e na faixa etária entre 15 e 29 anos. Somente na faixa etária entre 20 e 24 anos, situam-se as maiores taxas, em torno de 65 homicídios para cada 100 mil jovens. Na faixa entre 14 e 17 anos, há maior

crescimento (63,1%). Entre 1994 e 2004, os homicídios na população jovem saltaram de 11.330 para 18.599, com aumento decenal de 64,2%, crescimento bem superior ao da população total: 48,4% (Waiselfisz, 2007). A predominância sempre esteve marcadamente sobre a população masculina (92,1%) e negra (Waiselfisz, 2007). Somente na população entre 15 e 49 anos em Pernambuco, Lima et al. (2002) mostrou que os coeficientes de mortalidade por homicídio masculino variou de 53,9 em 1980 para 186,9 em 1998. As maiores taxas de homicídios entre jovens estão na capital (56,1 e 274,8), como isso também ocorre nas outras capitais. Esse parece ser um padrão de violência das cidades grandes e metrópoles.

Esse é também o padrão quando se trata de violência intrafamiliar (Cassorla, 1994; Camargo, 2000; Dahlberg et Krug, 2002). E a violência intrafamiliar atinge mulheres, causada principalmente pelo companheiro íntimo.

A preocupação dos estudos sobre violência, mortes violentas, homicídios esteve centrada em sua maioria nas grandes cidades. A verificação do alto nível de violência em cidades médias, constatada nos anos 1980 (Volpe, 1996) mostrou que estudos em cidades pequenas e médias podem mostrar outras questões da violência até então não identificadas. Isso foi ratificado por estudos recentes que mostraram a mudança desse padrão de violência no Estado de São Paulo, como o caso do Mapa da violência de Waiselfisz (2007) mostrando uma queda nos índices na metrópole e crescimento nos municípios do interior do Estado de São Paulo.

O estudo se justifica também diante do impacto dessas mortes. Camargo (2002) estuda a magnitude e a tendência da mortalidade por causas externas no Estado de São Paulo e em suas regiões e municípios, no período entre 1980 e 2000. Ao medir o impacto da mortalidade por causas externas nessas regiões, observou que, se essas deixassem de ocorrer haveria um ganho de mais de quatro anos na esperança de vida masculina. Entre as mulheres a eliminação de mortes por causas externas proporciona um ganho de menos de um ano na esperança de vida.

O presente *paper* baseia-se em estudo sobre a violência na cidade de Rio Claro no período entre 1980 e 1991 (Volpe, 1996). Busca-se analisar formas de violência diferenciadas entre homens e mulheres com a finalidade de contribuir para a compreensão da questão de gênero nessa violência.

## METODOLOGIA

O *paper* baseia-se em estudo desenvolvido em Rio Claro, cidade de porte médio com 137 mil habitantes (base ano 1991), considerada uma cidade média do interior do Estado de São Paulo. Foram coletados os dados dos homicídios do período entre 1980 e 1991. Os dados foram obtidos junto ao Cartório de Registro Civil e a partir dos processos criminais do Fórum de Rio Claro. Os dados levantados não identificam nominalmente nenhum dos envolvidos nos processos, assegurando-se anonimato. A tendência da mortalidade por homicídio foi descrita por sete variáveis, a saber: sexo, idade, estado civil, naturalidade, profissão, local de residência e meio utilizado para a agressão.

A violência pode ser considerada por diversos conceitos. O conceito abrange desde a violência simbólica que atinge indiretamente as populações por meio de ações coletivas e políticas públicas, até a violência do Estado ao buscar manter a ordem social pública, passando pela violência praticada entre pessoas diretamente uns aos outros (Itani, 1998). Compreende-se aqui por violência a ação que se desenvolve entre agressores resultando em morte por causas externas, considerada também por mortes violentas. Há uma atenção sobre mortes violentas, especificamente sobre os casos de homicídios, como pode ser visto pela literatura (Cassorla, 1994; Minayo, 1995; 1997; 2005; Saffioti, 1999; Meneghel et al. 2003; Silva, 2003; Schraiber et al. 2005; Marinheiro, ALV.; Vieira, EM.; Souza, 2006; Camargo, 2000), pelo Mapa da violência desenhada sobre o Estado de São Paulo (Waiselfisz & Athias, 2005) como pela legislação específica sobre violência doméstica.

## FORMAS DE HOMICÍDIOS ENTRE HOMENS E MULHERES EM RIO CLARO

As diferenças de violência entre homens e mulheres já é realidade (Marinheiro, 2006; Gomes; Minayo; Silva, 2005). No entanto, as formas como elas se manifestam nos espaços podem mostrar especificidades que podem contribuir para políticas públicas. Em cidades médias, elas podem apresentar pontos interessantes e podem se diferenciar no espaço urbano. Os dados sobre aspectos de homicídios já foram objeto de análise (Volpe et Itani, 2001).

Algumas diferenças nesse padrão puderam ser notadas nesse estudo realizado em Rio Claro. Como uma cidade média, o índice de mortes violentas em Rio Claro era maior que o das grandes cidades e metrópoles (Volpe et Itani, 2001). Além disso, o estudo identificou uma reação de mulheres diante da violência doméstica, como um comportamento que mudava o padrão de atitude de mulheres, como mostrado por Volpe et Itani, 2001 e Itani et Volpe, 2004. A compreensão das formas de homicídio de homens e mulheres pode ser um elemento que pode contribuir para as políticas públicas.

O padrão de homicídios era conhecido como resultado de agressões entre migrantes de regiões mais pobres do país, e vivendo em condições precárias, como um padrão homogêneo sobre números agregados. Contudo, a análise minuciosa dos dados, espacializada e por gênero pode fazer emergir outras questões.

Analisando a evolução da mortalidade por homicídio em Rio Claro, verificou-se que os coeficientes por 100 mil habitantes variaram de 4,5 (ano de 1981) até 28,2 por 100 mil habitantes (1990). No entanto, há diferenças quando os coeficientes são analisados segundo o sexo. Para o sexo masculino, a menor taxa ocorreu no ano de 1981, e foi de 7,2 por 100 mil habitantes, e a maior taxa ocorreu no ano de 1990 sendo de 52,8 por 100 mil habitantes. Já para as mulheres, esta taxa varia entre zero nos anos de 1980, 1982 e 1988 e 6,2 por 100 mil habitantes no ano de 1987. A maior razão de sexo foi de 12 no ano de 1990.

O comportamento da variável faixa etária é bastante semelhante para os sexos masculino e feminino quando os dados são analisados em sua totalidade. Elevam-se nas idades entre 20

e 29 anos, começam a decrescer na faixa entre 30 e 39 anos, caindo bastante na faixa entre 40 e 49 anos e com ligeira elevação acima dos 50 anos.

No ano de 1986 os maiores coeficientes para o sexo masculino ocorreram na faixa entre 30 e 34 anos. Já nos últimos dois anos da série analisada (1990 e 1991) os maiores coeficientes ocorreram na faixa entre 20 e 24 anos. Nota-se no período analisado, os homicídios passaram a ocorrer com maior frequência na população mais jovem do sexo masculino.

No tocante a diferença de cor, os dados do estudo realizado em Rio Claro mostraram que, entre os homens, as vítimas masculinas são predominantemente solteiras e de cor branca. Esse resultado difere dos resultados de outros estudos (Mello Jorge, 1997; Waiselfisz & Athias, 2005) em que há uma predominância de vítimas masculinas de cor negra. Além disso, diferente do que é pressuposto, os dados mostram que os homicídios não estão entre os migrantes provenientes de regiões mais pobres, como é normalmente conhecido. Os dados mostram que as vítimas são nascidas na própria cidade. E, ainda, não há predominância de vítimas das regiões periféricas da cidade ou vivendo em condições mais precárias. Elas estão em várias regiões da cidade. E, que diferente de outros estudos, as vítimas são predominantemente profissionais dos serviços.

Se os dados do estudo mostraram uma reação das mulheres diante da violência (Volpe et Itani, 2001) há também formas pelas quais os atos são praticados. As mulheres reagem diante da violência intrafamiliar com instrumentos domésticos, como por exemplo, facas e tábuas de carne. Já entre homens os dados mostram também que as mortes por homicídios ocorrem com instrumento cortante e em segundo lugar por arma de fogo. Isso na primeira metade da década de 1980. Já na segunda metade da década, a razão se inverte. O instrumento utilizado principal é a arma de fogo. Isso pode ser explicado pela difusão da utilização de armas de fogo como pelo acesso a armas de fogo pela população. Mello Jorge (1996) também verifica o aumento de homicídios por arma de fogo desde os anos 1980.

O lugar dos homicídios também difere entre homens e mulheres. Os dados de homicídios de Rio Claro mostram que quando os autores de homicídios são masculinos, eles ocorrem

principalmente na rua. E a relação de agressão ocorre predominantemente entre pessoas conhecidas, vizinhos ou moradores do mesmo bairro. Quando os autores são mulheres, os instrumentos utilizados são domésticos, normalmente aqueles que possuem dentro de casa. E o lugar é sempre dentro de casa. E isso ocorre predominantemente como uma reação à violência doméstica, contra agressões do marido ou companheiro.

Vale remarcar que quando os casos de homicídios ocorrem com autores masculinos contra vítimas masculinas isso ocorre sempre na rua e nos bares. No entanto, quando as agressões ocorrem entre homens e mulheres, são sempre decorrentes de violência doméstica. E os casos ocorrem sempre no ambiente doméstico. Os dados mostram que nos casos de homicídios, tendo um autor feminino, estes se restringem aos casos de violência doméstica. Não foi verificado casos de mortes violentas de mulheres tendo por autoras outras mulheres, o que parece mostrar que as mulheres não estão envolvidas como autoras nos demais casos de homicídios.

## CONSIDERAÇÕES FINAIS

O estudo mostra que os riscos da violência estão tão presentes nas cidades médias quanto nas cidades grandes. Em alguns casos, até mais presentes. E que não se restringem a grupos socialmente circunscritos, como os que estão sem emprego ou situados como baixa renda ou vivendo em condições precárias. E há diferenças significativas no padrão de comportamento diante da violência, quando analisada por gênero.

Todavia, há alguns limites do estudo. Os dados se limitaram aos dados de cartórios e processos criminais. Outros levantamentos podem ser importantes para dados mais precisos, como relação com população total e sua composição. Tais estudos mais aprofundados são necessários para compreender as condições de produção desse padrão de atitudes. E que merecem ser vistos diante das novas legislações contra violência da mulher, de restrição de bebidas alcoólicas na condução de veículos automotores.

## REFERÊNCIAS

- Camargo, ABM. (2002). Mortalidade por causas externas no Estado de São Paulo e suas regiões. Tese de doutoramento apresentada à Faculdade de Saúde Pública USP.
- Camargo M. (2000). Violência e saúde: ampliando políticas públicas. *Rede Saúde*. nov; (22): 6-8.
- Cassorla, RMS. et Smeke, ELM.(1994). *A autodestruição humana*, Cadernos de Saúde Pública, 10:61-73.
- Dahlberg, LL.; Krug, EG. (2006). Violência: um problema global de saúde pública. *Ciência e Saúde Coletiva*, Rio de Janeiro, (11):1163-1178.
- Deslandes, SF; Gomes, R.; Silva, CMFP. (2000). A caracterização dos casos de violência doméstica contra a mulher atendida em dois hospitais públicos do Rio de Janeiro. *Cadernos de Saúde Pública*, Rio de Janeiro, 1(16):129-137, jan./mar.
- Grossi PK. (1996). Violência contra a mulher: implicações para os profissionais de saúde. In: Lopes MJM, Meyer DE, Waldow VR, (orgs). *Gênero e saúde*. Rio de Janeiro: Artes Médicas.
- Deslandes, S.F., (1994). *Atenção a crianças e adolescentes vítimas de violência doméstica: Análise de um serviço*, Cadernos de Saúde Pública, 10:177-187.
- Giffin, K. (1994). Violência de gênero, sexualidade e saúde. *Cadernos de Saúde Pública*, 1(10).
- Gomes, MA.; Pereira, MLD. (2005). Família em situação de vulnerabilidade social: uma questão de políticas públicas. *Ciência e Saúde Coletiva*, 2(10): 357-363, abr./jun.
- Gomes, R.; Minayo, MCS.; Silva, CFR. (2005). Violência contra a mulher: uma questão transnacional e transcultural das relações de gênero. In: BRASIL. Ministério da Saúde. Secretaria de Vigilância em Saúde. *Impacto da violência na saúde dos brasileiros*. Brasília.
- Itani, A; Volpe, W. (2004). Woman Faced with Violence: A view on skin colour in Brazil. In: Kalunta-Crumpton, A. and Agozino, B. (Org.). *Pan African Issues in Crime and Justice*. Nova York: Ashgate.
- Itani, A.(1998), *Violência no imaginário dos agentes educativos*, Cadernos Cedes.
- Lima, PMF. (2008). Mulheres homicidas: novos aspectos criminológicos e penais. Tese de doutoramento apresentada à Faculdade de Direito USP.

- Lovell, Peggy, (1995). *Raça e Gênero no Brasil*, Lua Nova, 35-71.
- Marinheiro, ALV.; Vieira, EM.; Souza, L. (2006). Prevalência de violência contra a mulher. *Revista de Saúde Pública*, 4(40): 604-610, ago.
- Mello Jorge, MHP. (1980). Mortalidade por causas violentas no município de São Paulo, Brasil. 1 - Mortes violentas no tempo. *Rev. Saúde Pública*, 3(14), set.
- Mello Jorge, MHP; Gawryszewski, VP; Latorre, MRDO. (1997). Análise dos dados de mortalidade. *Revista de Saúde Pública*, 31:5-25, agosto, supl.
- Meneghel, S. N. et al. (2003) Cotidiano ritualizado: grupos de mulheres no enfrentamento à violência de gênero. *Ciência e Saúde Coletiva*, 1(10): 111-118, jan./mar.
- Minayo, M. C. de S. (2005). Violência: um problema para saúde dos brasileiros. In: BRASIL, Ministério da Saúde. Secretaria de vigilância em saúde. *Impacto da violência na saúde dos brasileiros*. Brasília.
- Minayo, M CS; Souza, ER. (1997). Violência e saúde como um campo interdisciplinar e de ação coletiva. *Hist. cienc. saude-Manguinhos* 3(4), nov.
- Minayo, M.C. (org.), (1995). Os muitos brasis. saúde e população na década de 80, São Paulo: Hucitec/Abrasco.
- Minayo, M.C. (1995), A violência social sob a perspectiva da Saúde Pública, *Cadernos de Saúde Pública*, 10:7-18.
- Organização Mundial de Saúde. (2002), Relatório mundial sobre violência e saúde. Genebra: OMS;
- Peres, MFT; Santos, PC. (2005). Mortalidade por homicídios na década de 90: o papel das armas de fogo. *Revista de Saúde Pública*, 1(39), janeiro.
- Saffioti, HIB. (1999), *Gênero e patriarcado: violência contra as mulheres*. São Paulo: PUC.
- Schraiber, LB. et al. (2005), *A violência dói e não é direito: a violência contra a mulher, a saúde e os direitos humanos*. São Paulo: UNESP.
- Silva, I. V. (2003), Violência contra mulheres: a experiência de usuárias de um serviço de urgência e emergência de Salvador. *Cadernos de Saúde Pública*, (19): 263-272.
- Souza, E., (1994), *Homicídios no Brasil: O grande vilão da Saúde Pública na década de oitenta*, *Cadernos de Saúde Pública*, 10:45-60.

Volpe, W.; Itani, A. (2001), Novos padrões de comportamento feminino: O caso da atitude das mulheres diante da violência, Paper apresentado no XXIII Congresso Alas, Guatemala.

Volpe, W. (1996), Violência e urbanização, São Paulo, IGCE UNESP, Relatório de pesquisa.

Waiselfisz, J.J. (2007), Mapa das mortes por violência. Estudos avançados. 61(21), set./dez.

Wagner Volpe - [wagnervolpe@uol.com.br](mailto:wagnervolpe@uol.com.br)

Alice Itani - [aitani@terra.com.br](mailto:aitani@terra.com.br)